

A OCUPAÇÃO GUARANI DO VALE DO RIO DOS SINOS UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Pedro Ignácio Schmitz¹
Jairo Henrique Rogge²
Ranieri Hirsch Rathke³
Jefferson Aldemir Nunes⁴

Recebido em 01.09.2017; Aceito 09.10.2017.

Resumo

O objetivo do artigo é produzir uma visão do povoamento guarani do vale do rio dos Sinos no contexto da região nordeste do Rio Grande do Sul e do sudeste de Santa Catarina, utilizando as coleções e documentos deixados por pesquisas feitas nas décadas de 1960 e 1970 e iluminando-os com as informações registradas em relatórios de missionários jesuítas que estiveram entre os índios Guaranis da região nas primeiras décadas do século XVII. As coleções e documentos que correspondem a aproximadamente setenta sítios arqueológicos estão em grande parte inéditos. Os relatórios dos jesuítas contêm muitos dados sobre a vida desses índios, até ali pouco atingidos, que são disputados por escravagistas e por missionários.

Palavras chave: arqueologia, povoamento guarani; rio dos Sinos; relatórios missionários; analogia direta.

Abstract

The text aims to produce a vision of Guarani peopling of the Rio dos Sinos valley, in the context of the Northeast of Rio Grande do Sul and the Southeast of Santa Catarina, using greatly unpublished collections and documents produced by archaeologists in the decades 1960 through 1970, and illuminating them by the information of Jesuit missionaries among these Guarani Indians in the first decades of seventeenth century. The collections and documents represent some seventy archaeological sites. The Jesuit accounts hold varied information about the Indian lives, then hit by slave and mission activities.

Key words: archaeology, Guarani peopling, Sinos river, missionary accounts, historical analogy.

Introdução

O Rio dos Sinos, afluente da margem esquerda do rio Jacuí, é o maior curso de água do Nordeste do Rio Grande do Sul. Sua margem direita recolhe as águas da encosta do Planalto das Araucárias e a margem esquerda se abre para os Campos ondulados do sul. O ambiente assim produzido, com abundância de água, diversidade de solos, de vegetais e de animais era um convite para hospedar populações baseadas em diferentes formações econômicas: indígenas vivendo de caça e coleta, ou de cultivos incipientes ou avançados, bem como colonizadores europeus baseados na agropecuária

1 Professor da Unisinos. Pesquisador sênior do CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br.

2 Professor da Unisinos. Bolsista de Produtividade PQ2/ CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br.

3 Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

4 Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

na Mata Atlântica; seus instrumentos de pedra, com abundantes pontas de projétil, foram usados para identifica-los como Tradição Umbu.

Sobre terraços holocênicos, com vegetação herbácea e arbustiva, entre o cordão de lagoas e a maré, a partir de 3.500 anos A.P., durante um período curto, acamparam populações nativas de pescadores e coletores de moluscos marinhos, cujas espessas lixeiras são conhecidas como sambaquis. Eles representam a periferia de um povoamento que tem o centro mais ao norte, nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Não há indícios de que tenham mantido contatos com os povoadores anteriores e posteriores da região.

Ao redor de 1.000 anos A.P., quando já nenhum dos grupos anteriores sobrevivia na região, apareceram aldeias e acampamentos a céu aberto, em terrenos ondulados da baixa encosta e no litoral atlântico de uma nova população, que produzia um vasilhame cerâmico que os arqueólogos denominam Tradição Taquara. Sua principal área de ocupação era o Planalto das Araucárias onde praticavam manejo florestal com algum cultivo e viviam em casas subterrâneas. Na encosta, na qual não haveria densidade de pinheiros, talvez o cultivo fosse mais importante e havia o recurso aos produtos do mar. São os antepassados dos índios conhecidos como Kaingang.

Por último, uns 600 anos A.P., chegou às várzeas dos rios que drenam o planalto e aos terrenos ondulados entre a encosta do planalto e as lagoas litorâneas uma população aldeã baseada em cultivos tropicais, produtora de cerâmica variada que os arqueólogos passaram a denominar tradição Tupiguarani (sem hífen), ou subtradição Guarani. Seus moradores são considerados antepassados de índios conhecidos ao tempo da conquista europeia sob os nomes de Carijós e Arachãs, da família linguística Tupi-guarani (com hífen). Eram numerosas as aldeias deste grupo junto às florestas das várzeas do rio e da margem das lagoas da planície costeira. Suas aldeias evitavam os campos abertos, o litoral atlântico, a encosta íngreme e os pinheirais do planalto. Eles eram contemporâneos da população anterior e com ela mantinham algum tipo de relação. A população guarani foi intensamente preada no fim do século XVI e começo do século XVII por bandeirantes paulistas, não deixando sobreviventes.

Nesse espaço, considerado vazio, foram colocadas famílias de pequenos proprietários de origem portuguesa e alemã, que praticavam cultivos e criação de animais para sustento de suas famílias. Hoje coexistem no vale restos de cultivos familiares, a indústria de calçado e de armas e pequenas aldeias de Guarani-Mbyá, Kaingang e Xokleng.

Com a mecanização da lavoura, mesmo dos pequenos agricultores familiares, quase nada sobreviveu dos antigos sítios a céu aberto. Mas, nos museus locais sobreviveram coleções sistemáticas, com sua correspondente documentação, provenientes das primeiras etapas da pesquisa, nas décadas de 1960 e 1970, com as quais se buscará construir uma história da ocupação guarani do vale do rio dos Sinos e sua conexão com o litoral.

Objetivo

Produzir uma visão da ocupação guarani do vale no contexto da região nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina. Esta visão tem componentes materiais e interpretativos. Os materiais compreendem, por um lado, estrutura e forma dos assentamentos, hierarquia e relação entre eles, ligação entre assentamento, ambiente e paisagem, e formas de deslocamento; por outro lado, tecnologia e subsistência e ainda, relação com populações coetâneas, especialmente as da tradição cerâmica Taquara. Para conseguir alguma compreensão pretendemos iluminá-las com relatos dos missionários jesuítas que estiveram na região no começo do século XVII, quando os Guaranis, até então isolados, se tornaram objeto de competição entre colonos paulistas

em busca de escravos e missionários jesuítas em busca de conversão religiosa. Embora a sociedade indígena estivesse, então, sob forte impacto frente à competição colonial, espera-se captar ainda elementos tradicionais, que validem uma analogia direta. (Ver, neste volume, 'A missão dos Carijós').

Metodologia

Compreende três atividades básicas: a) estudo dos trabalhos arqueológicos publicados, das fichas de registro de sítios encaminhadas ao IPHAN e do catálogo do material guardado nas instituições de pesquisa; b) análise das coleções inéditas, especialmente das primeiras décadas da pesquisa, quando os materiais e sítios ainda estavam relativamente conservados; c) a iluminação dos materiais arqueológicos utilizando analogia etnográfica direta com os Carijós do começo do século XVII da região (Leite, 1940, 1945), uma analogia mais geral com o Guarani do Paraguai descrito por Antônio Ruiz de Montoya (Noelli, 1993; La Sálvia; Brochado, 1989 entre outros) e o modo de vida de populações Guarani-Mbyá que hoje vivem no Sul do Brasil (p. ex. Vietta, 1992; Garlet, 1997; Basini, 2015; Herrero, 2016).

Os trabalhos publicados e as fichas encaminhadas ao IPHAN são úteis para caracterizar os assentamentos estudados, seus materiais, métodos e propostas interpretativas, além de fornecer elementos para a distribuição dos sítios no espaço geral e em áreas específicas. Para localização e distribuição dos sítios é fundamental o catálogo dos sítios do Rio Grande do Sul produzido por Goldmeier; Schmitz (1983) e o catálogo das coleções guardadas no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), composto por Werlang (1981), que informa sobre as pesquisas de Eurico Th. Miller, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Guilherme Naue.

Para a pesquisa estão disponíveis boas coleções. No Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, em Taquara, estão guardadas grandes coleções inéditas das décadas de 1960 e 1970, feitas por Eurico Th. Miller em todo o vale e por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Plínio Dall'Agnol e Guilherme Naue na margem direita do vale médio. No Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinós estão coleções inéditas feitas, no mesmo período, em ambas as margens do vale médio do rio por Pedro Ignacio Schmitz.

Algumas das coleções do alto vale foram exploradas na tese de A.S. Dias (2003) e uma pequena parcela em comunicação de Nunes; Schmitz (2017); as do vale do Paranhana, o maior afluente do rio, por J.L.Z. Dias (2015, 2016), em sua tese.

Para a cronologia do povoamento guarani do vale existe uma data para um grande sítio antigo, início do século XVI, no município de São Leopoldo e uma data para um sítio considerado terminal, na primeira metade do século XVII, em Estância Velha, período do impacto colonizador. Esta cronologia é semelhante à da ocupação guarani do litoral norte do Rio Grande do Sul e do adjacente litoral sudeste de Santa Catarina (Noelli, 1999-2000). O projeto pode ainda construir uma cronologia relativa através da análise da cerâmica, utilizando, para isto, o tempero, o acabamento de superfície e o tamanho das vasilhas.

O estudo começado no segundo semestre de 2014, já dispõe de alguns elementos para uma cronologia. Oferecemos uma amostra de sítios considerados de idades diferentes: um considerado antigo, um considerado médio e um considerado recente.

Uma amostra dos sítios

RS-S-266, Butiá, um assentamento antigo. Número 1 no mapa.

Este sítio, estudado por E.Th. Miller, em 21.11.65, é amostra de um sítio antigo e da correspondente documentação e material, disponíveis no MARSUL, Taquara, RS.

Este sítio habitação situa-se em Santa Maria do Butiá, no município de Novo Hamburgo, em terras de Albino José de Mello Filho. O sítio localiza-se numa coxilha suave que é raiz de um morro, que fica no sul do sítio. Ao sul existe um banhado, a oeste pequeno córrego e a leste vertentes e mato ralo. O solo atual é campo; dois anos atrás foi roça de mandioca, ocasião na qual o Sr. Albino, ao vir da roça, sentiu que a roda da carreta afundou. Contou que desenterraram um panelão pintado, ficando, porém, um maior, quebrado. Trabalhamos o local e desenterramos um tigelão que se encontrava dentro do panelão quebrado, cujos cacos trouxemos em parte. Peneiramos a terra, porém nenhum objeto apareceu, nem ossos, nem manchas de terra que acusassem algo. O Sr. Albino nos disse que havia terra preta no fundo do panelão pintado e que o mesmo estava enterrado a 45°, encostado na panela quebrada, para leste.

(Transcrição da ficha de sítio de E. Th. Miller).

Eurico Miller escavou este lugar e fez mais um corte de 1,5 x 1,5 m, no extremo leste do sítio, em superfície gramada, removendo os sedimentos de 10 em 10 cm. Apesar de haver várias manchas de terra escura, segundo Miller, a contagem de todos os fragmentos não chegaria a uma centena (100), razão por que não os recolheu. O corte também se revelou pouco fecundo.

No catálogo do Museu o material recuperado nas duas intervenções recebeu a seguinte numeração: o sepultamento: MARSUL 423; o nível 0-10 cm do corte, cat. MARSUL 424; o nível 10-20 cm, cat. MARSUL 425; o nível 20-30 cm, cat. MARSUL 426.

O croqui indica a distribuição do material de superfície, a vegetação, o córrego, o banhado, o local da escavação do sepultamento e o do corte de 1,5 x 1,5 m. A fotografia complementa a representação do sítio. O desenho das duas urnas reproduz o material mais importante.

A análise do material, em laboratório, mostrou que o conjunto se compõe de dois sepultamentos com urna e tampa: um sepultamento com urna, tampa e oferenda, pintadas, um sepultamento com urna e tampa corrugados, sem registro de oferenda funerária. Os sepultamentos foram realizados num espaço ocupado, como o de uma habitação, no qual existiam outros materiais pintados e com decoração plástica, com os quais Eurico Miller não se ocupou.

Usando as bordas das vasilhas de toda a pequena amostra podem ser identificadas as seguintes peças. Pintadas: 1 urna grande, 1 tigela grande, ao menos 4 pequenas tigelas pintadas externamente, 2 pintadas internamente. Corrugadas: ao menos 1 panela grande, 1 tigela grande, 5 panelas pequenas, 3 tigelas pequenas. Unguladas: 3 panelas pequenas. Simples: 1 panela e 1 prato pequeno. Sobram ainda outros fragmentos, que sugerem mais peças.

Também foram recuperados 4 talhadores, feitos sobre seixo, sendo 3 bifaciais e 1 unifacial.

O antiplástico da cerâmica é formado por caco moído denso e bem aparente em muitos fragmentos, em outros casos está misturado com areia. As vasilhas são grandes, de paredes grossas, com bom acabamento, sugerindo assentamento inicial, estável. A instalação sobre pequeno patamar, perto de nascentes, em área de mata densa e solo profundo testemunham boa opção.

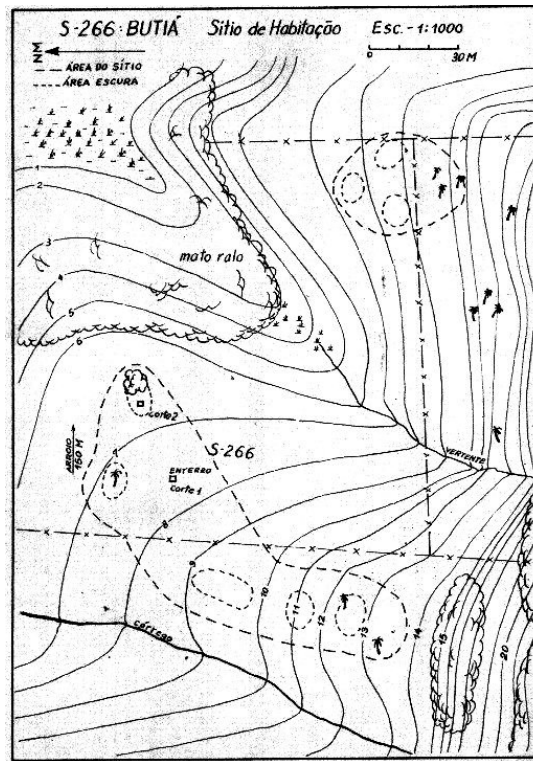


Figura 2. Croqui do sítio RS-S-266. Butiá. Desenho original de E. Th. Miller.

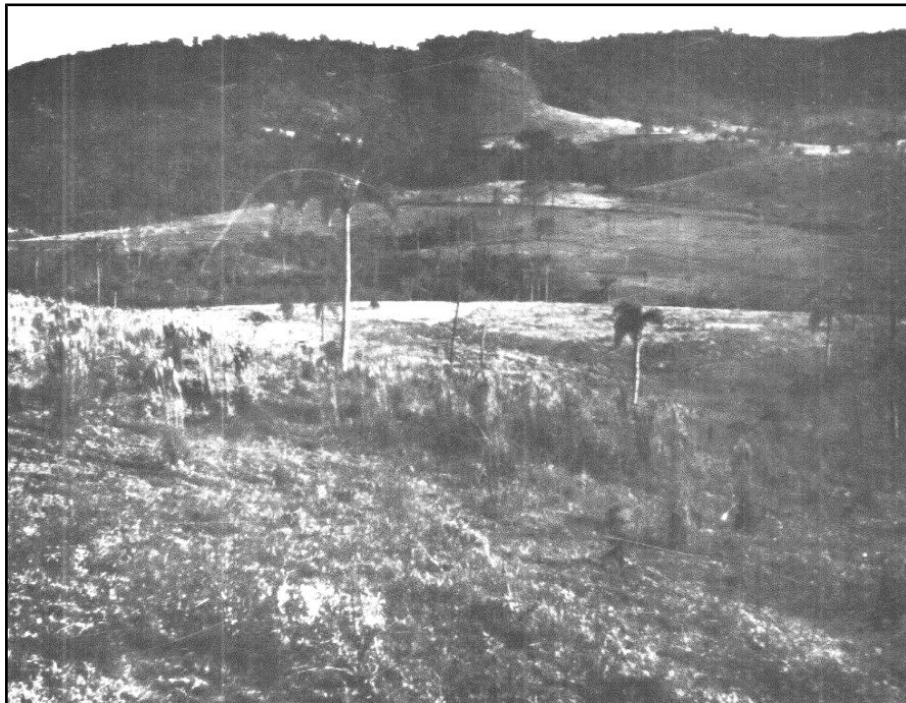


Figura 3. Vista geral do lugar do sítio. Ele ocupava o campo coberto de capim no centro da foto, de E.Th. Miller.

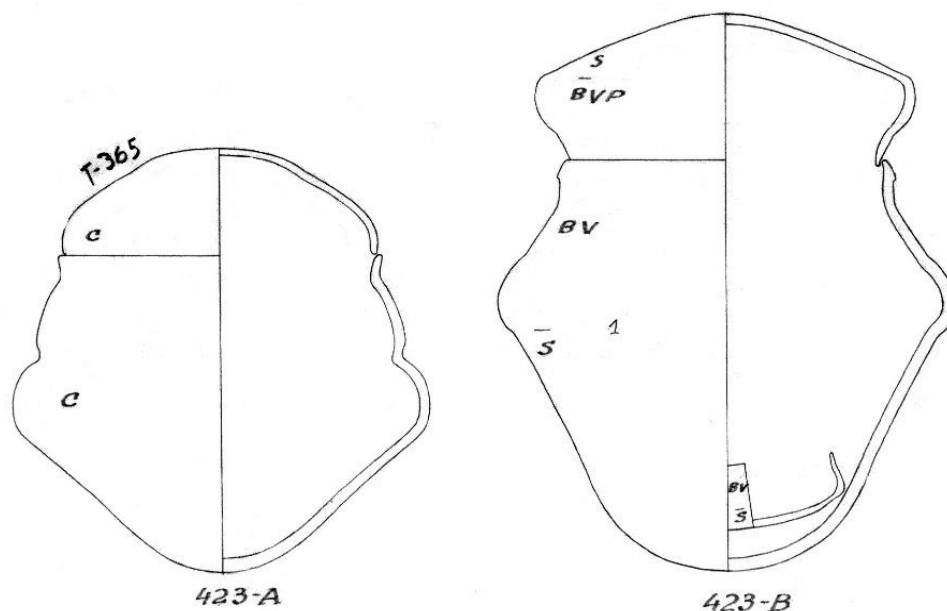


Figura 4. Desenho das urnas escavadas, autoria de Miller.

RS-S-267, Lomba Grande, um sítio médio. Número 2 no mapa.

Foi estudado por Eurico Th. Miller em 22.11.65. Além de três coletas, ele fez o croqui e a foto.

Situa-se em Lomba Grande, em terras de proprietário não identificado, no município de Novo Hamburgo, sobre alta e extensa coxilha que domina o vale do Rio dos Sinos, rio que dista 2000 m do sítio. Com o eixo maior para nordeste, apresenta três focos de restos culturais.

O foco 1, cujos restos levam o número MARSUL 427, localiza-se na parte mais alta da coxilha, contendo fragmentos de cerâmica guarani e jê, bem como algumas lascas e petrefatos. A água mais próxima deveria ter sido ao centro do sítio, junto ao foco 2 (número MARSUL 428). Ao norte do sítio e a 100 m, um resto de mata, a leste roça de mandioca em macega. Todo o sítio está rodeado de roça. A sudeste um eucaliptal e uma estrada que leva a Lomba Grande. Eurico Th. Miller, 22.11.65.

(Transcrição da ficha de sítio de E. Th. Miller).

O foco 2 (MARSUL 428) só tem material lítico, especialmente talhadores sobre seixo.

O foco 3 (MARSUL 429): *Este material foi recolhido na terra escura que fica no extremo inferior do sítio, onde foram coletados todos os fragmentos visíveis. Terra erodida e limpa sem vestígios de muito carvão.*

No sítio foram recolhidos 140 fragmentos cerâmicos da tradição Guarani dos quais 69% tem acabamento corrugado, 5% unglado, 20% simples e 6% pintado. Havia ainda 2 fragmentos da tradição Taquara.

Os recipientes das diversas formas são predominantemente médios, o acabamento pintado é pouco, o corrugado é baixo, com impressão de unhas.

O antiplástico é areia fina a média, rolada, com grãos de hematita e algum caco moído.

Os intrusivos fragmentos da tradição Taquara são característicos: cada um tem, na superfície externa, uma impressão de cestaria diferente.

O croqui mostra a distribuição dos focos em cima da lomba e a foto visualiza a paisagem. Já não existe mata nativa, só plantação de eucalipto.

A diferença para o sítio anterior não está só na cerâmica (antiplástico, tamanho, acabamento), também na paisagem, que, originalmente, tinha menos mato e mais campo.

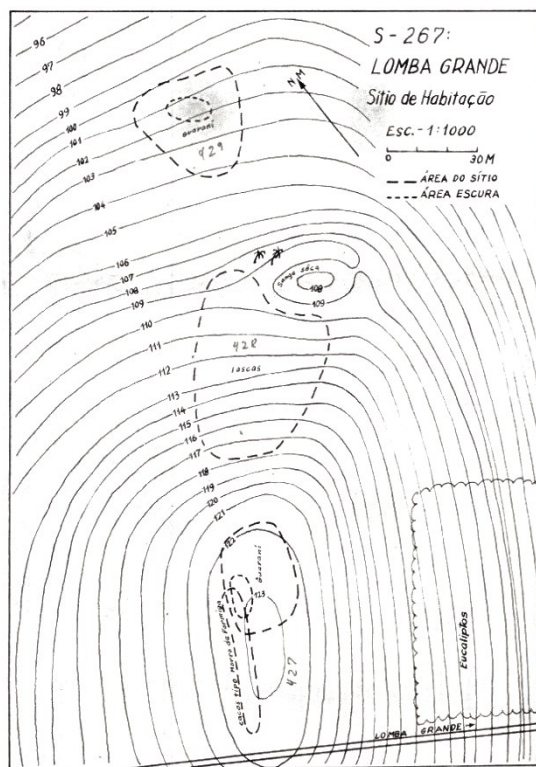


Figura 5. Croqui do sítio RS-S-267, Lomba Grande, desenho original de E.Th. Miller.

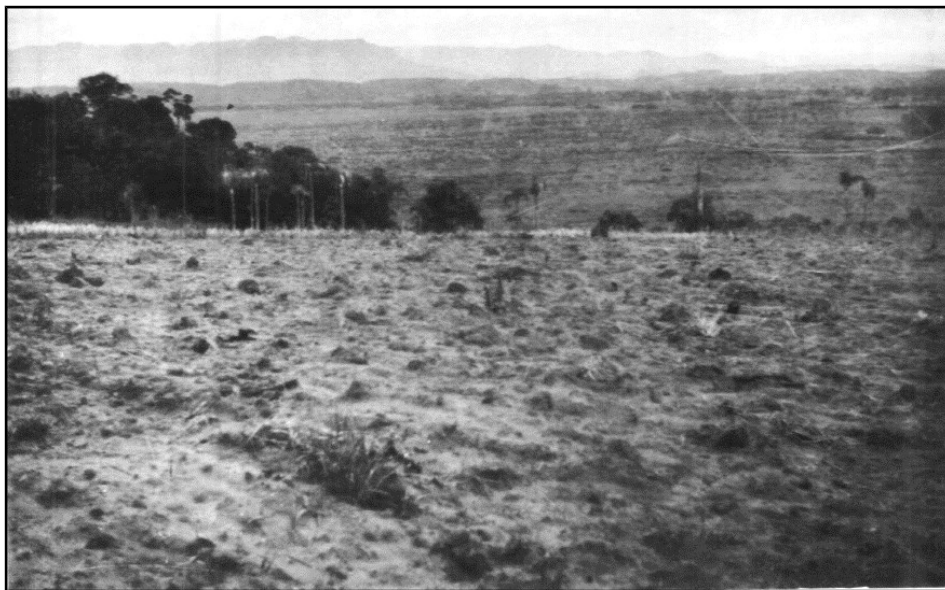


Figura 6. O sítio e a paisagem, foto de E.Th. Miller.

Estância Velha, um sítio recente. Número 3 no mapa.

O sítio, estudado por Rogge (1991), está localizado entre as cotas de 60 e 80 metros, na encosta de uma elevação com aproximadamente 150 m de altitude, cercada por dois pequenos córregos de caráter intermitente, que desaguam no arroio Estância Velha, poucos quilômetros ao sul. O sítio está longe do rio principal, no divisor de águas com o rio Caí, em refúgio ambiental.

Na área, já próxima da encosta do planalto, predomina o relevo ondulado com pequenos morros, que raramente ultrapassam 200 m de altitude. A rede de drenagem é pobre, formada por pequenas bacias de 3ª e 4ª ordem em relação à bacia principal do rio dos Sinos.

O terreno era parcialmente coberto por mata subtropical, que se concentrava ao longo das drenagens. O solo é formado por sedimentos arenosos, provenientes do Arenito Botucatu, que ali forma uma rampa com pequenos abrigos, e por uma grande quantidade de cascalhos e seixos transportados de áreas de basalto por cima da rampa arenítica.

A superfície do sítio estava sendo cultivada desde anos e nela foi recolhida cerâmica superficial em dois momentos e em dois lugares: primeiro, de maneira assistemática, próximo à rampa arenítica, pelos alunos da escola local, amostra D (cat. IAP 1684), composta por cerâmica variada, de tamanho médio e pequeno, um pouco erodida por exposição mais demorada. Posteriormente, partes do terreno foram novamente lavradas, desenterrando cerâmica mais conservada, em três pontos separados, lugares de três antigas casas de uma aldeia. São as amostras A (cat. IAP 1273), B (cat. IAP 1274) e C (cat. IAP 1275).

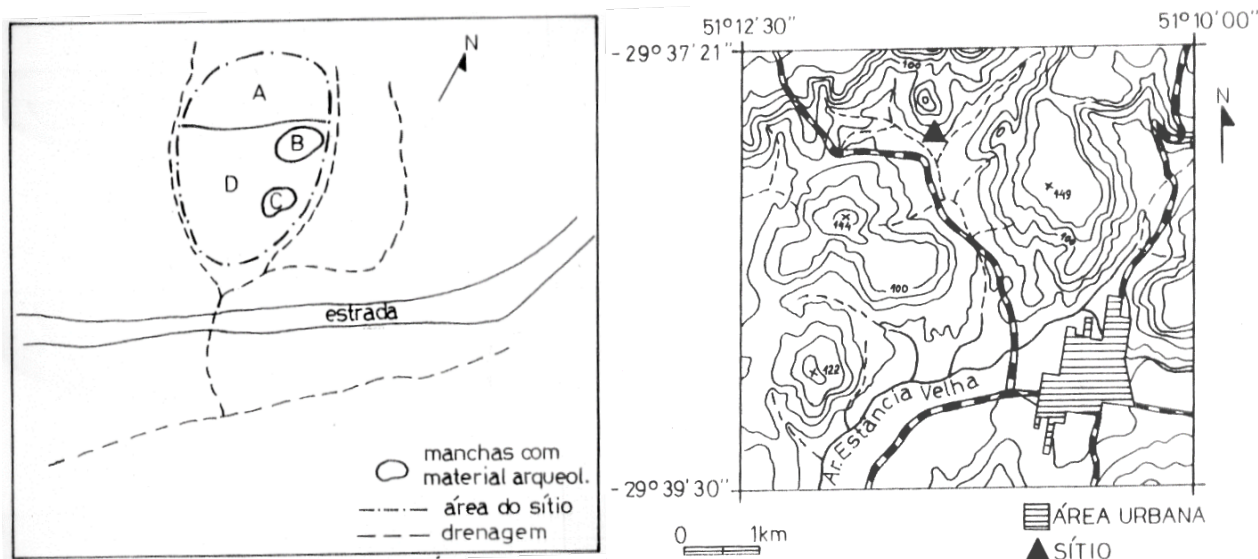


Figura 7. Croqui do sítio e relevo local, desenho J.H. Rogge.

A cerâmica recolhida nas três últimas amostras, apesar de reproduzir o padrão geral Tupiguarani, mostra irregularidades ou hesitações na utilização do tempero, no preparo e consolidação da pasta e no acabamento da superfície. O tempero varia de uma vasilha para outra podendo ser areia proveniente do arenito ou grãos e fragmentos angulosos de quartzo, feldspato e hematita, derivados do basalto. As paredes de diversas vasilhas se esboroaram por falta de consistência da pasta e era difícil de as manipular. O acabamento da superfície externa, predominantemente plástica, mostra execução pouca regular. A queima é incompleta.

Nas coletas A e B, além da cerâmica Tupiguarani, existe uma quantidade representativa de fragmentos típicos e bem acabados da tradição Taquara, o que indica a presença de indivíduos ou famílias desta outra etnia nas habitações.

A distribuição e conservação do material, com os recipientes se esboroando no lugar da utilização, indicam que a aldeia não foi habitada por muito tempo e foi abandonada com o material no lugar do uso. As panelas estão pretas de fuligem e ainda contêm crostas de alimentos com as quais foi possível data-las.

O menor cuidado na produção da cerâmica Tupiguarani (não na Taquara), a presença de grande panela escovada (a presença do escovado foi, muitas vezes, usada como indicador de contato colonial), a convivência de duas etnias junto a uma rampa de arenito, na borda do Planalto, em local retirado do vale do rio, dá ao sítio características especiais. Elas sugerem que se tratava de um lugar de refúgio, em tempo recente, quando o vale estava sob a influência de bandeiras paulistas, entre 1585 e 1630.

A data de C^{14} , A MS, conseguida a partir da crosta de alimento carbonizado do interior de um fragmento de panela da amostra B, dá suporte à hipótese levantada: 320 ± 30 AP (ou 1630 de nossa era) (Beta-431945).

O sítio não parece estar sozinho. As características da cerâmica e da implantação do assentamento se assemelham às de outro sítio próximo (na Picada Verão), em Sapiranga. A presença das duas etnias no mesmo assentamento, com abundante cerâmica de ambas as tradições e, ainda, muita cerâmica escovada, tem paralelo no sítio Porto das Palmeiras 2 (RS-S-282), na proximidade do rio dos Sinos, também em Sapiranga (Dias, 2016: 127-129).

Construindo resultados

O enfoque central do projeto é a estrutura do assentamento com seus instrumentos, a ocupação do território e a relação dos habitantes da tradição Tupiguarani no vale com outros da mesma tradição no Nordeste do Rio Grande do Sul e no Sudeste de Santa Catarina, sem excluir a interação com a vizinha população da tradição Taquara.

A implantação dos assentamentos no ambiente é estabelecida por mapas de geologia, relevo, drenagem, solos e vegetação. Resultados prévios indicam que o assentamento costuma estar na primeira elevação ou na baixa vertente de terreno ondulado, após a várzea úmida que acompanha o rio. Com isso o assentamento se manteria, por um lado, próximo aos recursos do rio e da várzea e por outro, do terreno drenado das colinas, propício para plantio, onde também se encontraria a maior parte da caça.

A estrutura geral do que teria sido a aldeia está indicada nos croquis, que mostram a distribuição do material, o relevo, a vegetação, a presença de água. Concentrações de artefatos cerâmicos indicam o lugar de antigas casas; material disperso ao redor, lugares de circulação e cultivo; alguma vez há uma indicação em separado de artefatos líticos. Sepultamentos em urnas, geralmente foram tratados como se estivessem isolados.

Os artefatos cerâmicos se compõem de um conjunto de vasilhas com acabamento superficial plástico e formas específicas, e outro com acabamento alisado e pintado com formas próprias. Ao primeiro conjunto atribui-se uso no fogo para cozinhar alimentos sólidos ou pastosos e para servi-los; ao segundo conjunto, a manutenção ou guarda, a fermentação, a distribuição e consumo de líquidos. A partir de analogia etnográfica se atribuíram nomes guaranis e funções às diversas formas (Brochado, 1977; La Salvia; Brochado, 1989; Neumann, 2014). Se, de um modo geral a atribuição parece válida, o teste nas vasilhas dos sítios é interessante. Para tanto são usadas determinadas marcas como crostas e manchas que ficaram no interior e exterior das vasilhas, a erosão causada pela fermentação, quebras, sulcos e outros desgastes.

Nas seriações produzidas ao tempo do PRONAPA foram produzidas interessantes sequências relativas baseadas em características cerâmicas, que também serão testadas.

A quantidade e qualidade dos artefatos líticos dependeram da disponibilidade local e da qualidade da matéria prima. Vale a pena ver se a matéria prima vem de uma cascalheira no rio ou do afloramento do dique de basalto que transversalmente cruza o vale. Há sítios com bastantes artefatos líticos e outros com quase nada. Eram talhadores, raspadores e lascas grandes; pouquíssimos artefatos polidos.

Dos elementos vegetais e animais que teriam servido de alimento e dos artefatos e estruturas em madeira nada sobrou. Um levantamento dos elementos disponíveis pode dar uma ideia: no rio ele teria pequenos peixes, seixos e facilidade de locomoção; na várzea úmida, aves, mamíferos e lenha; no terreno ondulado, solo para plantar, caça, frutas, madeira. Levantamentos detalhados dos recursos vegetais e animais, em projetos de contrato empresarial, no sudeste de Santa Catarina, podem proporcionar uma ideia de sua existência e quantidade (p. ex. UNESCO, 1999). As informações dos cronistas do tempo oferecem dados concretos. Mas é difícil calcular sua importância nas aldeias estudadas.

Nas coleções não existem elementos suficientes para uma reconstituição detalhada das aldeias e dos artefatos resultantes de suas atividades. Em muitos croquis, feitos pelos arqueólogos, se indica a distribuição do material em concentrações, que são indicadas como casas, e material disperso, sugerindo lugar de atividades externas, trânsito e cultivos. Nos sítios do vale, embora haja alguns de muita cerâmica, o número de fragmentos costuma não ultrapassar muito uma a duas centenas e às vezes os fragmentos são pequenos e erodidos. Predominam os assentamentos com indicação de 1 a 3 casas. Excepcionalmente se consegue reconstituir a planta de uma aldeia com várias casas, como a que é apresentada por Schmitz & Sandrin (2009) junto à lagoa dos Quadros, na planície litorânea rio-grandense, que resultou de uma coleta sistemática de 20.324 fragmentos cerâmicos, bastante conservados, distribuídos numa superfície de 4.312 m², coleta de Jussara e Maximiliano Becker. Para dar vida a essas aldeias será muito útil a informação dos missionários jesuítas que estiveram entre os Carijós da área no começo do século XVII e a comparação com assentamentos Guarani-Mbyá existentes na região (Vietta, 1992; Garlet, 1997; Dias; Silva, 2014; Basini, 2015) e no vale do rio Ribeira (Herrero, 2016), que, aparentemente, conservam elementos observados nos sítios arqueológicos.

É também interessante conhecer a hierarquia entre as aldeias para o que podemos usar o número de casas do sítio e o número, tamanho e qualidade das vasilhas cerâmicas.

Para caracterizar a relação dos assentamentos do mesmo espaço costuma ser usado o modelo do Tekoha (Noelli, 1993), que no alto vale do rio dos Sinos foi aplicado por Dias (2003), no vale do Paranhana por Dias (2015), no litoral do Rio Grande do Sul por Wagner (2004), no litoral catarinense por Milheira (2010). Eurico Miller (1967) usou o antiplástico da cerâmica e propôs duas fases de ocupação e distribuição espacial: a fase Maquiné, como mais antiga, com antiplástico de granulação maior com hematita, e a fase Paranhana, como mais recente, com antiplástico de areia fina cristalina. Também buscaremos a relação entre os sítios através da cerâmica, especialmente do antiplástico, do acabamento de superfície e da forma. Nas análises feitas até agora é possível distinguir sítios cujo vasilhame usa antiplástico mais grosseiro, com caco moído e hematita, que pode corresponder à fase Maquiné de Miller, outros sítios com antiplástico de areia fina cristalina, correspondente à fase Paranhana de Miller, e sítios com antiplástico mais grosso, de areia quartzosa com feldspato e hematita, que parece representar os últimos momentos da ocupação. No texto, acima, colocamos uma amostra destes três tipos de sítios. As correspondentes áreas de distribuição podem mostrar

aldeias associadas e o deslocamento de aldeias. As informações dos missionários jesuítas sobre os grandes líderes da região nos provocam a testar o modelo do Tekohá construído sobre os ensinamentos de Montoya.

Para a maneira de como as aldeias se expandem para ocupar o espaço existem dois modelos de Brochado, um primeiro, de movimento=migração, em que o grupo deixa o espaço ocupado para se estabelecer em outro diferente (Brochado, 1973); um segundo, de movimento igual a expansão ou 'enxameamento', em que o grupo se expande para novo espaço sem desocupar o de origem (Brochado, 1984). Para a expansão Guarani no espaço, incluindo o vale do rio dos Sinos, pode-se ver também Bonomo et al. (2014). Em termos gerais acreditamos ser possível estabelecer sequências, talvez não no detalhe, de todos os sítios. Por ter sido o vale proposto como caminho para o litoral, esta é uma questão interessante, mas difícil de responder.

O que temos

Existem amostras e documentos da época para aproximadamente 70 sítios. O projeto, começado em agosto de 2014, já fez análise prévia da cerâmica e do lítico de duas terças partes do material e com ela é possível indicar algumas perspectivas, como resultados preliminares a serem testados.

A maior parte dos sítios se mostra de tamanho pequeno; os maiores ocupavam ambientes naturais privilegiados. Os materiais estavam na superfície depois que as estruturas foram destruídas, ou fortemente impactadas, por longos anos de cultivo com instrumentos tradicionais ou pastejo de animais domésticos. Em muitos sítios os fragmentos estavam muito reduzidos e desgastados, mas ainda apresentavam elementos suficientes para uma primeira análise. Naqueles em que remanesciam camadas arqueológicas tinham sido feitos pequenos cortes estratigráficos para orientar sequências cerâmicas, que pouco utilizamos, e carvão para datações, que só foram utilizadas para a tradição Taquara.

Com o fim de conseguir amostras representativas para seriação pelo método Ford tinham sido realizadas coletas não seletivas nos diferentes aglomerados dos sítios, de ao menos 100 fragmentos cerâmicos e o correspondente material lítico. Muitas vezes as coletas eram totais. Alguma vez o material era insuficiente para conseguir uma amostra com tamanho suficiente, de acordo com as normas do PRONAPA (Meggers; Evans, 1970). Esta metodologia proporcionou amostras úteis para fazer comparações entre sítios e casas.

Nos croquis dos sítios, o número de casas indicadas não costuma exceder 3, representadas no terreno por agrupamentos cerâmicos mais densos e solo escurecido, que eram circundados por fragmentos mais dispersos e solo mais claro. Os croquis sugerem o tamanho das casas e o espaço da aldeia, mas não falam do material construtivo e da forma da habitação. As casas seriam pequenas, sem padrão fixo de disposição no terreno e sem um pátio central no qual os moradores se reuniam para atividades coletivas. Também indicam que não se trata de grandes malocas coletivas que abrigariam todo um parentesco, mas residências de famílias pequenas talvez com parentes associados. Estes dados combinam com os da carta do missionário jesuíta Jerônimo Rodrigues para os Carijós do litoral do sul de Santa Catarina (Leite, 1940), onde ele encontra aldeias compostas por uma ou duas pequenas casas com poucas pessoas cada uma. Este padrão também combina com assentamentos Guarani-Mbyá do vale do Ribeira, SP, descritos por Herrero (2016). E diverge do modelo, às vezes utilizado por arqueólogos do guarani, baseado na descrição do missionário jesuíta Lorenzana de uma grande maloca de guaranis *encomendados* dos arredores da cidade de Assunção (Lorenzana, 1951: 166-167). É preciso continuar a leitura na página 167 onde o missionário explica que, antes de serem encomendados '*Sus poblaciones antes de*

reduçirse son pequeñas porque como siempre siembran en montes quieren estar pocos porque no se les acaben y tambien por tener sus pescaderos y caçaderos acomodados'.

Os assentamentos estavam na baixa vertente de terrenos ondulados, na borda externa da várzea alagadiça, fora do alcance das enchentes do rio, em área de tensão ecológica, entre a vegetação das terras baixas e a mata semidecídua submontana, em altitude inferior a 100 m, não se afastando do rio ou de afluentes maiores. Com isto os sítios tinham, pela frente, a várzea e o rio e, por trás, a vegetação florestal ou o campo. Este ambiente era estreito e fazia que os sítios se encontrassem de certa maneira enfileirados na proximidade do rio, não havendo sítios no interior da floresta densa da borda do planalto da margem direita do rio, nem nos campos ondulados da margem esquerda.

Procuramos avaliar se existe hierarquia entre estes sítios. Percebemos, então, que existem assentamentos com vasilhas grandes, de paredes grossas, de bom acabamento plástico ou pintado, feitos com tempero de caco moído e acompanhados por sepultamentos em grandes urnas. Eles se localizam predominantemente no baixo vale do rio e parecem os mais antigos. A data do começo do século XVI provém de um de seus sítios. Seria o que Miller denominou fase Maquiné.

Percebemos também sítios com vasilhas de tamanho menor, acabamento plástico menos regular e pouca pintura, feitas com tempero de areia fina rolada, que parecem mais recentes. Eles se localizam predominantemente no médio e alto vale do rio; não temos datas para estes sítios. Seria o que Miller denominou fase Paranhana.

Percebemos ainda sítios em que as vasilhas produzidas não seguem um padrão estável, são mal-acabadas e inconsolidadas, feitas com tempero grosso, de quartzo quebrado e grãos de feldspato e hematita. Eles foram reconhecidos na margem direita do rio; podem ser os últimos assentamentos do vale, em parte já de fugitivos da predação paulista. A data de 1.630 d.C. provém de um desses assentamentos. Alguns deles já têm considerável abundância de cerâmica da tradição Taquara.

É preciso testar estas percepções para saber o que elas podem representar em termos de comunidades (Tekohá), de chefias, de movimentação espacial e de história.

Atualmente existem quatro datas para os ceramistas do vale: duas para ocupações da tradição Taquara, duas para a Guarani. As da tradição Taquara são bem mais antigas que as dos sítios Guarani, mas alguma cerâmica Taquara costuma acompanhar os sítios Guarani. As duas datas do Guarani para o vale se equiparam a datações recentes do povoamento guarani da região, incluindo o litoral norte do Rio Grande do Sul e o litoral sul de Santa Catarina. Elas são bastante mais tardias que algumas datas antigas do litoral norte (sítios Bassani e Maquiné, de E. Th. Miller, 1967) e do litoral sul (Povo Novo, de Naue, s.d.) do Rio Grande do Sul, processadas num tempo em que os laboratórios tinham menor controle do processo de datação. Não é aconselhável usá-las sem a correspondente crítica.

O guarani é conhecido como cultivador de plantas tropicais. Os terrenos arenosos junto às aldeias se prestariam para diferentes cultivos. As vasilhas cerâmicas, com variados tamanhos e formas, são característicos artefatos de uma população cultivadora, mas desapareceram os materiais que nos poderiam indicar quais produtos e técnicas teriam sido usados. As crostas de alimentos conservadas no interior das panelas serviram para fazer uma datação, mas ainda não foram analisadas em termos de composição química.

Na falta de preservação desses elementos é possível valer-nos de relatos contemporâneos ao final dos sítios estudados. O jesuíta Jerônimo Rodrigues, que visitou os guaranis do litoral meridional de Santa Catarina nos primeiros anos do século XVII, momento em que estava no auge a predação dos guaranis da região, nos dá preciosas informações a respeito dos cultivares e das técnicas usadas.

“Tem o ano repartido em quatro partes, scilicet, três meses comem milho [fim da primavera e começo do verão], outros três favas e abóboras [alto verão], outros três alguma mandioca [outono], e outros três comem farinha de uma certa palmeirinha [inverno].”

(Leite, 1940: 230).

Fala ainda da técnica de plantar e do instrumento usado:

“(...) facilmente fazem roça, a qual, acabando de a queimarem, logo plantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera a mandiiba [mandioca]; mas com o cabo da cunha, com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E para uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e assim machucado e ferido, o mete”.

(Leite, 1940: 230)

Jerônimo Rodrigues menciona a cunha para cortar o mato e abrir a cova para plantar. Não fala se a lâmina da cunha é polida ou lascada. Observando o material percebe-se que o talhador lascado é o instrumento mais comum entre os artefatos líticos recuperados, ao lado de alguns raspadores e lascas. Todos foram produzidos com poucos golpes duros. Objetos polidos são raros.

A mandioca não parece ter sido o alimento básico, embora o solo fosse excelente para seu cultivo. Nem seu preparo era o do processo amazônico de ralar, espremer e secar a farinha para estocar. No conjunto dos vasilhames não aparecem torradores, mas panelas para cozinhar, em menor escala para fermentar e tigelas para servir. Daí a suspeita de que o guarani do vale, embora se alimentando com mandioca, usasse o processo da mandioca puba, detalhadamente descrito pelo P. Jerônimo Rodrigues:

“(...) nem tem espremedores, nem tatapecoabas [abanador para o fogo], nem o sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma cova na areia, do tamanho de meio barril, fora da casa, põe-lhe umas folhas de baixo e ali batem (...) e quando cansam, põem o pilão na areia; tornando a socar (...) e coberta com umas folhas (...) a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e pisando-a em um pilão, a desfazem e põem em uma urupema [peneira] ao sol; e depois a cozem, mal cozida (...).”

(Leite, 1940: 233).

Ele não a estoca em quantidade como farinha, mas a mantém no solo, que é arenoso e bem drenado, para uso oportuno.

A informação dos missionários portugueses traz muito mais informação sobre a vida dos Guaranis do tempo, razão por que a reproduzimos num outro capítulo deste volume. Ela serve para complementar e testar o modelo construído a partir de Ruiz de Montoya.

A utilização da analogia com grupos guaranis vivos também proporciona importantes sugestões para os arqueólogos.

Grande número de sítios, antigos, médios e recentes, além da cerâmica guarani têm fragmentos de recipientes da tradição Taquara. Os sítios mais próximos da encosta do planalto os têm em maior quantidade, mostrando que, no caso, não se trata de algum contato esporádico, mas da convivência dos dois grupos na mesma aldeia. Esta ligação com a tradição Taquara pode representar tanto conflito quanto intercâmbio de bens, por exemplo, pinhão do planalto com milho da planície. Vale a pena recordar que a tradição Taquara já tinha aldeias no vale séculos antes da chegada do guarani. Mas também conflito.

Passados cinquenta anos de pesquisa, o projeto não pretende redescobrir o Guarani pré-colonial, mas recuperar e valorizar pesquisas de campo feitas no vale do rio dos Sinos, nas décadas de 1960 e 1970, que deixaram grandes coleções com sua respectiva documentação e, com elas, construir uma imagem de como ele colonizou o vale do rio dos Sinos.

Agradecimentos:

Aos arqueólogos que produziram as coleções e documentos que formam a base do projeto, especialmente Eurico Th. Miller. Ao Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul - MARSUL pela disponibilização de coleções e documentos. A todos os autores citados, por suas informações. A Denise Maria Schnorr pela ajuda na adaptação dos desenhos para publicação. À Unisinos pela sustentação do projeto. Ao CNPq pelas bolsas de pesquisa e iniciação.

Referências:

- BASINI, J. 2015. *Índios num país sem índios. A estética do desaparecimento: um estudo sobre imagens, ideias e versões étnicas*. Manaus: Editora Travessia/FpWM.
- BECKER, J.L. 2007. *O homem pré-histórico do Litoral Norte, RS, Brasil*. De Torres a Tramandaí. Torres: Graf. e Ed. TC, vol. 1.
- BECKER, J.L. 2008. *O homem pré-histórico do Litoral Norte, RS, Brasil*. De Torres a Tramandaí. Torres: Graf. e Ed. TC, vol. 3.
- BONOMO, M. et al. 2014. A model for the Guarani expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>
- BROCHADO, J.P. 1977. *Alimentação na floresta tropical*. Analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidência indiretas. Porto Alegre: URGs.
- BROCHADO, J.P. 1973. *Desarrollo de la tradición cerâmica tupiguarani (AD 500-1800)*. Porto Alegre: Gabinete de Arqueologia da UFRGS.
- BROCHADO, J.P. 1984. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. (Tese de doutorado). Illinois-Champaign: University of Illinois.
- DIAS, A.S. 2003. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP.
- DIAS, A.S. & SILVA, S.B. da. 2014. Arqueologia guarani do lago Guaíba: refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente. In: MILHEIRA, R.G.; & WAGNER, G.P. *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, p. 81-114.
- DIAS, J.L.Z. 2015. *A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do Médio Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Rio Paranhana*. (Tese de Doutorado). São Leopoldo: UNISINOS.
- DIAS, J.L.Z. 2016. A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do Médio Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Rio Paranhana. *Pesquisas, Antropologia* 72: 99-149.
- GARLET, I.J. 1997. Mobilidade Mbyá: História e significação. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS.
- GOLDMEIER, V.A.; SCHMITZ, P.I. 1983. *Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul*. Fichas de registro existentes no Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, RS. São Leopoldo: IAP/UNISINOS.
- HERRERO, R. 1989. Ribeira: Vale do sonho Guarani. *Porantim*, n. 384. Brasília, 2016.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- LEITE, S. 1940. *Novas cartas jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LEITE, S. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. VI. Do Rio de Janeiro ao Prata e ao Guaporé, estabelecimentos e assuntos locais, século XVII-XVIII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugal.

- LINO, J.T. 2007. *Arqueologia guarani na bacia hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: URGs.
- LORENZANA, M. 1951. Informe de um Jesuíta Anônimo sobre as Cidades do Paraguai e do Guairá Espanhóis, Índios e Mestiços. Dezembro de 1620. In: Cortesão, J. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção De Angelis I, Biblioteca Nacional, p.162-174.
- MEGGERS, B.J.; EVANS, C. 1970. *Como interpretar a linguagem da cerâmica*. Washington, Smithsonian Institution.
- MILHEIRA, R.G. 2010. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: História e Território*. (Tese de Doutorado). São Paulo: MAE-USP.
- MILHEIRA, R.G. & WAGNER, G.P. (org.). 2014. *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris.
- MILLER, E.Th. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi* 6: 15-38.
- MILLER, E.Th. 1969. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-01: Cerrito Dalpiaz (Abrigo-sob-rocha). *Iheringia, Antropologia* 1: 43-116.
- MILLER, E.Th. 1974. Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi* 26: 11-24.
- NAUE, G. 1973. Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. Sep. *Revista Veritas*, nº 71/73: 24 páginas.
- NEUMANN, M.A. 2014. A cerâmica guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: R.G. Milheira; G.P. Wagner (org.). *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, p. 63-80.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem tekoha não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacui, Rio Grande do Sul*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS.
- NOELLI, F.S. 1999-2000. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. *RevistaUsp*, 44: 218-269.
- NUNES, J.A.; SCHMITZ, Pedro Ignácio. 2017. O guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: um panorama da implantação do grupo. In: Camila Silva et al. (Org.). *Estudos Históricos Latino-Americanos: conexões Brasil e América Latina*. Porto Alegre: Forma Diagramação, p. 29-43.
- ROGGE, J.H. 1991. Análise comparativa da cerâmica de dois sítios Tupiguarani. Porto Alegre, PUCRS, VI *Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas*.
- ROGGE, J.H. & SCHMITZ, P.I. 2010. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica do litoral norte do RS. *Pesquisas, Antropologia* 68: 167-225.
- SCHMITZ, P.I. 1958. Parapeiros guaranis em Osorio (Rio Grande do Sul). *Pesquisas* 2: 113-142.
- SCHMITZ, P.I. (coord.). 2006. O povoamento da planície litorânea. *Pesquisas, Antropologia* 63.
- SCHMITZ, P.I. & SANDRIN, C. 2009. O sítio Lagoa dos Índios e o povoamento guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 11: 89-134.
- UNESC. 1999. *Projeto de salvamento arqueológico da ZPE Imbituba, SC*. Relatório final. Criciúma, setembro/1999.
- VIETTA, K. 1992. *Mbyá: Guarani de verdade*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS.
- WAGNER, G.P. 2004. *Ceramistas pré-coloniais do Litoral Norte*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS.
- WAGNER, G.P. 2009. *Sambaquis da barreira de Itapeva, uma perspectiva geoarqueológica*. (Tese de doutorado). Porto Alegre: PUCRS.
- WERLANG, O.T. 1981. *Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS.

OS CARIJÓS DO LITORAL MERIDIONAL DO BRASIL UM ESPELHO PARA OS ARQUEÓLOGOS OLHAREM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

*Pedro Ignácio Schmitz¹
Jairo Henrique Rogge²*

Recebido em 04.10.2017; Aceito 09.10.2017.

Resumo

O artigo estuda relatos de missionários jesuítas dos índios Carijó, da família linguística Tupi-Guarani, do sul do Brasil no começo do século XVII em busca de elementos históricos e culturais que, guardados os necessários cuidados de leitura, possam ajudar na compreensão dos sítios e materiais arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani da região, que parecem recentes, permitindo uma analogia direta. A própria sede da passageira missão foi parcialmente escavada e seu material não parece apresentar notáveis diferenças com os demais sítios arqueológicos.

Palavras-chave: missionários jesuítas, índios Carijó, Brasil Meridional, analogia direta.

Abstract

The paper studies reports of Jesuit missionaries about the South Brazilian Carijó Indians, of the Tupi-Guarani linguistic Family, of the 17th century, in search of historic and cultural elements, which may, with the necessary cautions, contribute to better understanding of the local archaeological sites and materials of the Tupiguarani ceramic tradition, which seem recent, allowing a direct analogy. The headquarter of the ephemeral mission was excavated and the material seems not to differ from the other regional archaeological sites.

Kew Words: Jesuit missionaries, Carijó Indians, South Brazil, direct analogy.

Introdução

A razão deste capítulo é criar uma imagem do indígena Carijó dos primeiros séculos da conquista portuguesa usando relatórios de jesuítas que os missionaram, o P. Jerônimo Rodrigues, de 1605 a 1607 (Leite, 1940) e o P. Inácio de Sequeira, em 1635 (Leite, 1945). Estes não são os únicos jesuítas que estiveram entre eles, mas os que oferecem mais abundantes informações. Para conhecer a ação desses missionários entre os Carijós do litoral meridional do Brasil, além das diversas publicações de Serafim Leite, é importante a tese de doutorado de Beatriz Vasconcelos Franzen (1998).

Na leitura dos relatórios convém tomar em consideração que se trata de religiosos, nascidos em Portugal, que vieram para civilizar as populações indígenas e incorporá-las ao império português, que competem, nessa atividade, com os colonos que desejam estes índios nas suas fazendas. Eles escrevem para companheiros que partilham a mesma visão e convicção, em um tempo em que as populações indígenas ainda são mal conhecidas e a Ciência ainda não estabeleceu os critérios de leitura para esses textos.

1 Professor da Unisinos. Pesquisador sênior do CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br.

2 Professor da Unisinos. Bolsista de Produtividade PQ2/ CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br.

Mesmo assim, as informações ali registradas podem ser usadas como espelho para entender os esqueletos arqueológicos dessa cultura no Sudeste de Santa Catarina e Nordeste do Rio Grande do Sul.

Os Carijós pertenciam à família linguística Tupi-Guarani; os sítios arqueológicos à tradição Guarani. A colonização da área por populações Guarani, segundo os arqueólogos, é recente, a partir do século XV ou XVI; assim, os Carijós, retratados pelos missionários no começo do século XVII, podem ser considerados representantes verdadeiros dessa colonização indígena.

Os sítios arqueológicos da tradição Guarani estudados na área, são numerosos e são vários os aspectos abordados: ecologia, implantação e organização dos sítios, tecnologia dos artefatos cerâmicos e líticos, alimentação incluindo canibalismo, contatos com outros grupos e cronologia. Os autores principais nesse registro, no sudeste de Santa Catarina, são Rohr (1969), UNESCO (1999), Lino (2007), Milheira (2008, 2014); no litoral nordeste do Rio Grande do Sul: Schmitz (1958), Miller (1967), Becker (2007, 2008), Schmitz; Sandrin (2009), Wagner (2004, 2014), Neumann (2014), Mergen (2016); no litoral médio: Mentz Ribeiro (2004), Schmitz, coord. (2006); Pestana (2007), Rogge (2014); na lagoa dos Patos, lago Guaíba e Serra do Sudeste: Miller (1967), Gazzaneo (1990); Carle (1998), Gaulier (2001-2002), Noelli (2003), Rosa (2006, 2010), Milheira (2014), Dias; Batista (2014), Nunes; Schmitz (2017); no vale do rio dos Sinos: Miller (1967), Dias (2003), Dias (2015, 2016); no vale do rio Caí: Mentz Ribeiro (1968). A pesquisa do vale do rio dos Sinos, sob a coordenação de Schmitz, visa acrescentar mais um estudo à área.

Em vários trabalhos, especialmente para o litoral sudeste de Santa Catarina foram utilizados relatos de jesuítas que missionaram os guaranis da área no começo do século XVII. Pretende-se usar os relatos também para o nordeste do Rio Grande do Sul, onde, segundo os jesuítas, viviam os mesmos guaranis. Estes relatos servem para matizar e complementar os dados de Antônio Ruiz de Montoya, missionário espanhol da Província do Paraguai, geralmente usados para compreender os sítios e seus materiais (Noelli, 1993; La Sálvia; Brochado, 1989, entre muitos outros).

Nesses relatos são encontradas informações importantes sobre os líderes do território; aldeias e casas; matrimônio e família; vestuário e ornamentos; abastecimento alimentar: roças, cultivos anuais, caça, pesca, preparação dos alimentos, artefatos; sociabilidade: bebedeiras, sacrifício de prisioneiro; xamãs.

Não há menções explícitas para a cerâmica, embora ela seja suposta para o cozimento dos alimentos. Também estão ausentes outros elementos, do interesse imediato dos arqueólogos, como o sepultamento de mortos, mas que podem ser lidos nas entrelinhas. No decorrer do texto destacamos alguns.

Os Carijós, as ações dos colonizadores

Os primeiros excertos buscam a caracterização do grupo indígena e sua divisão; a ação dos missionários e dos escravizadores. A grafia do português foi atualizada.

“É esta nação dos Carijós a última, de todas as do Brasil, que habita para o Sul, e aquela onde fenece a conquista da Coroa de Portugal, das mil e cento e sessenta léguas, que domina por costa, começando do Grão Rio Pará, até o Rio da Prata, chamado Paraguai. Estende-se o distrito deste gentio, por espaço de cento e sessenta léguas por costa, que corre de Nordeste a Sudoeste, que tantas se contam desta Ilha de Santa Catarina até o Rio da Prata e vai entestar com os Charruas; e, de Oriente a Poente, ficam metidos os Carijós entre dois paralelos, que os cingem pelo Oriente o mar oceano, e pelo Poente uma nação mui fera de Tapuias, que